JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR
ANO **4** · NÚMERO **22** · **FEVEREIRO 2025**

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

Somos as memórias que criamos e, este mês, a USG continua a sua missão de proporcionar experiências memoráveis para os seus alunos, como a visita que se realizou ao Lugar do Desenho e a visita a decorrer no dia 21 ao World of Discoveries, espaço didático dedicado aos Descobrimentos.

Comemoramos a participação da equipa de alunos que representou a USG no Concurso de Cultura Geral das Universidades Sénior.

A USG continua a ser um ponto de encontro para diferentes áreas de saber e de viver. Recebemos uma visita muito esclarecedora de Vasco Loureiro, da parte do CICAP - Tribunal Arbitral do Consumo, bem como uma aula aberta de Artes Marciais com o Mestre José Vasconcelos. Acolhemos, também, no ConVida deste mês, a assistente social Raquel Rêgo e o jornalista e autor Vítor Pinto Basto num momento de reflexão sobre o bem e "A Arte de Ser Boa Pessoa".

Teremos a oportunidade de celebrar mais uma Tertúlia no próximo dia 22, para a qual estão todos convidados.

E, por fim, este mês, celebramos com pompa o Carnaval, com os habituais prémios para os três melhores disfarces.

Bem-haja!

Asas Paradas

— Diamantino Torres

Naquele dia, os pombos, geralmente ansiosos por voarem, não saíam do pombal apesar da janela estar aberta. Aquela abertura é a fronteira entre dois mundos: o mundo exterior ligado ao voo, ao exercício, e que está disponível duas vezes por dia; e o mundo interior, o pombal, que é onde as aves comem, bebem, nidificam e se protegem. No interior do abrigo, cada pombo sabe, apesar dos inúmeros casulos, qual é exatamente o seu. E se, por distração ou abuso, algum pássaro invade o espaço que não é seu, com umas bicadas e alguns golpes de asa, o titular daquele espaço chama a atenção ao invasor que aquele lugar já tem dono.

Mas algo se passava, as aves atléticas, que todos os dias durante largos minutos se exercitam nos céus, nesse dia não saíam para o treino da praxe.

O Sr. Joaquim, columbófilo experiente, nunca tinha visto tal. " Será que estão em greve? " disse o Sr. Joaquim. " Se calhar estão! " dizia o Daniel, filho do Sr. Joaquim.

Até os borrachos, pombos novos, por natureza mais imprevidentes e ainda pouco viajados, nem esses, sempre prontos para piruetas e outras acrobacias se dispunham a iniciar o voo. A vida dos pombos correios não é fácil. Como não é a vida dos competidores. A fama e o sucesso dão muito trabalho. Tem que haver regras rigorosas de treino, de alimentação e de descanso.

A glória é efémera. Mais dia menos dia, mais tarde ou mais cedo, outros virão que tirarão do vencedor o lugar mais alto do pódio. Aos campeões, no fim da carreira desportiva, é-lhes proporcionada uma reforma como reprodutores, desta forma transmitindo os seus genes a novas fornadas de valorosos desportistas. Estes felizardos têm um fim de vida com conforto e boa comida.

Voar sem descanso centenas de quilómetros, por vezes sob um sol escaldante, inclemente, ou suportando chuvas e ventos impiedosos. Passar fome e sede nestas longas jornadas, não é para todos. Muitos sucumbem. Outros perigos em potência surgem: caçadores e um muito em especial, os ataques de aves de rapina.

Faça chuva ou faça sol o treino e a boa alimentação não podem faltar e hoje elas recusam-se a voar.

Quanto à orientação, o não se perderem no caminho de regresso a casa, é um enigma. Sem mapas, bússolas e mais recentemente GPS, mesmo assim geralmente chegam ao destino percorrendo longas distâncias: de Barcelona ao Porto, por exemplo. A casa, o pombal, é um grão de areia no imenso areal que é a Terra.

O céu azul estava polvilhado de nuvens brancas que mais pareciam farrapos de algodão. Aqui e ali, caprichosamente, formavam contornos que se assemelhavam a objetos, figuras humanas ou aquilo que a imaginação de quem as via lhes atribuía.

Mas apesar da necessidade imperiosa de voar, naquele dia nenhuma ave saía do pombal. O Sr. Joaquim, intrigado, espreitou pela janela do pombal, que fica num ponto mais alto, e olhando para o espaço reparou nas tais nuvens brancas e uma delas parecia uma grande ave de rapina. Umas grandes asas abertas, garras fortes e assustadoras, bico curvo e de ponta aguçada. Dando a nuvem a ilusão que lá dos altos estava atenta disposta a mergulhar da imensidão numa velocidade vertiginosa.

Está explicado, diz o Sr. Joaquim: " As pombas não saem porque têm medo, veem naquela nuvem uma ameaça." A nuvem projeta sombras parecendo um milhafre voando em círculos".

Por fim os pombos saíram todos, dezenas de asas, propulsionando aqueles corpos alados. Lá estavam nos céus voando em círculos, todos juntos, formando um bando homogéneo e compacto. Comandados por uma voz que não se ouve e por ordens físicas que não se vislumbram, aqueles exímios voadores voam em bloco mudando, em sincronia, de direção. Subindo e descendo com aquele enorme instinto gregário, sinónimo de sobrevivência.

Quanto ao céu, agora estava limpo e tudo não passou de uma ilusão. Apesar do medo da morte a vida tem de continuar!

Paisagem sobre o Het Steen (pormenor), Peter Paul Rubens (1636)

Da Escrita

— Lino de Castro

A escrita, escrever, aumenta a atividade neural de uma forma que pode ser comparada à meditação, potenciando a concentração e aumentando o relaxamento físico e mental. Resulta melhor se for manuscrita em papel, conforme têm demonstrado vários estudos científicos promovidos por Academias.

A razão prende-se, segundo os estudos de três universidades norte-americanas, com o facto de a escrita implicar reflexão e compreensão de ideias e factos, coordenadas simultaneamente pela mão, cérebro e olhos. Sendo manual (em vez de digital) evidencia superioridade ao nível cognitivo, com vantagens em termos de aprendizagem, memória e criatividade.

Através de ressonâncias magnéticas realizadas ao cérebro, provou-se que escrever à mão aumenta a atividade neural do escriba, de uma forma que pode ser comparada à meditação, elevando a concentração e tornando maior o relaxamento psicológico.

Um daqueles estudos académicos explicou que ao desenhar as palavras ativamos vias neurais que de outro modo ficariam intocadas. Por outro lado, escrever à mão exige mais esforço, tempo e atenção do que teclar, e o seu efeito acaba por ser mais profundo no cérebro.

É por isto que o ato de escrever com caneta e papel é também uma arma importante para ginasticar o cérebro na luta contra doenças degenerativas como o Alzheimer e a demência, declínios cognitivos estes mais constatados entre idosos, genericamente, e mais acentuados entre indivíduos com baixa escolaridade.

O hábito de registar no papel sentimentos e emoções, acontecimentos e ideias, é, por tudo isto, recomendado como forma de proteger a saúde mental (da qual, ultimamente, mais se tem falado) e lidar melhor com o stress e a ansiedade.

Escreva, pois, caro leitor/a, com caneta e em papel, preferencialmente. Promove melhor saúde mental para si, e, querendo (teclando o seu texto), mostre-se como colaborador/a no nosso jornal.

HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 4 · NÚMERO 19 · NOVEMBRO 2024

Editorial

— António Braz

Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

A pouco mais de um mês do início do ano letivo 2024/2025, já é grande o dinamismo que se faz sentir nesta Universidade. Paralelamente às aulas que têm decorrido a bom ritmo, também foram retomados dois dos projetos que muito têm contribuído para que a USG abra as suas portas a toda a comunidade.

Refiro-me ao ConVida, que teve como convidado José Alberto Rio Fernandes, e a Tertúlia de Poesia, que se realizam no último sábado de cada mês. O primeiro encontro poético deste ano letivo contou com a música do trio Salazar Ferreira, José Pereira e Nelson Pinto.

Mas até ao final do ano de 2024 várias iniciativas estão programadas, nomeadamente, os workshops sobre Saúde Respiratória, com a equipa médica da RUTIS (dia 15 de novembro) e com a Polícia de Segurança Pública (dia 29 de novembro). Tenho a certeza que serão dois momentos importantes em termos de informação e sensibilização.

Aproveito ainda para agradecer a todos os alunos e professores que participaram e colaboraram na iniciativa Outubro Rosa. A solidariedade e partilha são palavras que fazem parte desta grande família que é a Universidade Sénior de Gondomar.

Que assim continuemos com esta vitalidade.

Bem-haja!

Férias? Bolas! Nunca mais chegavam!

— Milú Almeida

A chamada "fábrica da felicidade", as aulas, as atividades, os passeios, as festas, o ConVida, as Tertúlias de Poesia e tantas outras coisas, trabalhos e gostos que fazem parte do dia-a-dia, cansaram … Há que fazer as malas … e seguir viagem, rumo ao Algarve, no início do mês de Julho, esperando ter sol, praia, descanso, jantares e passeios sem recato nem horário.

Está bem, está! À impaciência da hora da partida, chegou a inquietação e o desassossego. O frenesim teve de acalmar-se, e o coração também … Como se não bastasse, por cá, o nosso bicho de estimação necessitou de ser operado. Tinha no lombo o pico de uma planta que entra na pele em forma de anzol, e claro, não sai e provoca infeção. Longe de casa e com a saúde tremida, na minha mente a poesia rebentou, feita louca!

E então a leitura, ah! essa fez-me imensa companhia. Já tinha saudades de me dedicar assim à leitura! A praia ficou fora de questão, mas a piscina recebeu-nos, assim como o relvado e as cadeiras, as bolas da criançada – flamingos cor-de-rosa, crocodilos, jacarés, colchões, unicórnios e barcos – e os estrangeiros "pele vermelha" a comer gelados, a beber cervejas, a chamar os putos, a fazer algazarras que incomodavam muito, ao mesmo tempo que ajudavam a passar as horas.

A televisão estava marada, coitada! Ou falhava o sinal, ou aparecia aos riscos e ziguezagues, irritando solenemente. Habituada a ter vários canais à escolha, agradeci a calmaria das 23 horas em diante e a existência da RTP Memória para descansar da leitura e da escrita e rever um pouco da série portuguesa "Conta-me como foi".

Num ápice, li a "Amiga Genial" e fiquei deslumbrada! E agora? Dizia para mim mesma: tens mais 4 livros para ler e cadernos de "Abre-te Cérebro" para fazer. - Pois é, mas agora a fasquia ficou muito alta! Devia ter deixado a Elena Ferrante

HERMES

UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 4 · NÚMERO 20 · DEZEMBRO 2024

Foi então que me enchi de coragem e disse bem alto e bom som:

- "Antes de aqui vir fui ao Concerto do Eu.Clides e vim sem saber no que me estava a meter – isto era para a juventude; só eu e a minha esposa é que somos os avozinhos!" - o silêncio inundou o espaço – "Nunca tinha ouvido falar de ti, mas tenho gostado tanto da tua música como das letras das canções. Fizeste-me recuar 52 anos, trouxeste sentimentos de quando eu conheci a miúda que está ao meu lado. Muito Obrigado!"

O auditório explodiu de aplausos e alegria – afinal o ídolo de hoje também estava a influenciar a geração dos "cotas". Lá encostei a cabecinha à minha Cacilda e desfrutámos de um momento ternurento. O Valter, aliviado pelo impacto da minha intervenção perguntou o nosso nome e pediu um grande aplauso à assistência para nós. Era bom saber que ao escrever e cantar (o que lhe ia na alma) fazia sentido na vida dos outros; valeu a pena trocar a advocacia pela carreira de cantautor.

Mas a odisseia não acaba aqui já que a adolescente que estava ao meu lado disse-me, quase ao ouvido, "Foi muito bom ouvir o seu sentimento". Logo mais, a muito custo e para tristeza de todos nós, acabou o concerto. Lá fomos, nós, caminhando sob os olhares ternurentos dos presentes. Que cena!

Resumo: quando elogiamos em público (e criticamos em privado) podemos ter consertos em vidas e concertos que jamais podemos esquecer. Afinal, são coisas da vida!

HERMES

UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 4 · NÚMERO 21 · JANEIRO 2025

falar imediatamente à minha alma.

Depois desta aula não descansei enquanto não adquiri, para mim própria, os textos escritos, em prosa, da Florbela, embora esta tarefa se revestisse de alguma dificuldade. Era urgente acrescentar à poesia completa da mesma autora, obras que viriam enriquecer o meu espólio literário. Ler e deixar-me encantar foi um ápice.

A descoberta da prosa da Florbela Espanca mostra como a autora transcende fronteiras e gerações tentando e encantando leitores em qualquer contexto literário e geográfico.

Florbela Espanca (1894—1930)

Férias

— Margarida Rodrigues

Retrato da Senhora M.
de Tamara de Lempicka (1898-1980)

Escrevo de forma simples, e é desta forma que gosto de o fazer. Comecei a escrever uns textos em jeito de “memórias”, não com sentimentos de saudosismo bacoco, mas com a simples intenção de deixar registados, pelas minhas palavras, alguns acontecimentos pessoais, como se tratasse de atos de amor pela vida que vivi até hoje.

Vida que, evidentemente, nem sempre foi fácil, mas da qual, talvez pela minha forte maneira se ser e estar, tento guardar bem vivos os muitos bons momentos, e “engavetar” os, felizmente que poucos, menos bons.

Sentada numa esplanada numa amena tarde de Setembro – que dizem ser o mês do recomeço - e confortada pelo calor do sol que, suavemente, me aquece o corpo e o espírito, dei por mim a refletir sobre as pessoas que passaram e passam na minha vida, num agradecimento sincero aos conhecidos e aos amigos de longo data e que, apesar de não estarem presentes no dia a dia, mantenho intactos no meu coração, e aos mais recentes que, de uma forma ou de outra, fazem a diferença na minha forma de estar e viver. E sim, todos são importantes e neste verão de 2024 não podia estar-lhes mais agradecida, por ter conseguido esta harmonia e contentamento que sinto.

Por entre dias de praia, a descoberta de novos lugares, a companhia sempre agitada do neto, livros, cinema, teatro, encontros de poesia, convívios, festas de aniversário, exposições de fotografia, regresso matinal à piscina, até ao simples encontro para tomar de um cafezinho - muitos tomei até ao dia de hoje, mas tudo na medida certa - acabou por ser um verão diferente, mas muito agradável e de excelentes memórias. Faço votos de continuar com estas pessoas, que me rodeiam e que estão guardadas no coração.

Entretanto, o mês mal começou, mas promete ser agitado, e na agenda já estão reservados os dias 8, 13, 23, 28 e 29, para eventos em que espero participar da forma mais agradável possível, tal como aconteceu no barzinho da Feira do Livro onde a escolha teve de ser entre “um fino de 20, de 40 ou de 60? “, ou hoje em mais um encontro de cafezinho – era um normal, um a ¾, um com chávena fria, outro com a chávena escaldada e um café sem ponta (a descrição sensação deste ano!) – onde as horas se passaram a rir a bom rir, sobre viagens, peripécias e afins. Foi deitar conversa fora, mas chegar a casa de coração cheio.

Em 1929, Virgínia Woolf dizia que “você pode escrever para si mesma, ou para um pequeno círculo de amigos, pode escrever porque sente que é um alívio da dor, porque sente que é uma necessidade ou porque é um gesto de amor “. Neste seu ensaio feminista “Um Quarto Só Seu “, gosto principalmente de duas citações – “Uma mulher tem de ter dinheiro e um quarto só seu. Tem de ser livre” e “Não há portão, não há cadeado, nem ferrolho que possam prender a liberdade do meu espírito”.

Sessão de Esclarecimento

No dia 31 de janeiro, decorreu na Universidade Sénior de Gondomar uma sessão de esclarecimento, conduzida pelo Dr. Vasco Loureiro, em representação do CICAP - Tribunal Arbitral do Consumo.

O evento contou com a presença do Presidente da União das Freguesias de Gondomar (S. Cosme), Valbom e Jovim, António Braz, para apoiar a iniciativa e reforçar a importância de eventos como este.

A sessão proporcionou aos participantes uma oportunidade valiosa de esclarecer dúvidas e aprofundar conhecimentos sobre o CICAP, que se destina exclusivamente à resolução de litígios relacionados com a aquisição de bens ou serviços no Município de Gondomar. Os conflitos devem envolver a compra de bens, prestação de serviços ou a transmissão de direitos destinados a uso não profissional, fornecidos por entidades como pessoas singulares ou coletivas com atividade económica profissional, organismos públicos ou autarquias locais.

Estão excluídos litígios relacionados com intoxicações, lesões, mortes, indícios de crimes ou quando o valor do litígio exceda 30.000€. O CICAP - Tribunal Arbitral do Consumo pode recusar a análise de um litígio se o consumidor não tiver tentado resolver o problema diretamente com o fornecedor ou se o litígio for considerado supérfluo, vexatório ou já resolvido por outra entidade.

Após a triagem feita e, no caso de existir essa necessidade, será agendada consulta com o jurista Vasco Loureiro, às segundas-feiras de manhã, no edifício da junta de freguesia de Gondomar.

A consulta também pode ser feita através de carta ou por email.

Fundação Júlio Resende

No dia 7, fomos visitar o Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende.

Fizemos uma visita guiada a 61 obras de Resende e também pudemos ver as obras de 3 artistas fantásticas: Maria Catarina, e a sua “Festa da Vontade”, Rita Rainho, com “Quando o algodoeiro te responde em silêncio”, e Letícia Maia e a “Decomposição Tropical”.

O nosso muito obrigado ao Prof. José Paiva e à Marina Gallo, os nossos guias, a quem queremos agradecer toda a gentileza e simpatia durante a visita.

Projetado pelo Arquiteto José Carlos Loureiro, o edifício que alberga a Fundação foi inaugurado em 1997, na margem do Douro, em Gondomar, junto à Casa-atelier do artista, da autoria do mesmo arquiteto.

Júlio Resende (1917-2011), natural do Porto, é autor de uma obra de pintura vastíssima. A partir de 1934, expôs por todo o país e no estrangeiro. Ao longo da sua carreira, foi distinguido com relevantes prémios. Faleceu aos 93 anos de idade, na sua casa em Valbom.

O Tédio é uma sensação em vias de extinção

— João Paulo Pinto

Aqui estou eu, sentado na sala de espera de um consultório médico, onde pensei que ficaria no máximo dez minutos. Ledo engano, estou há 1 hora. Fico algum tempo mexendo no telemóvel, quando caio num limbo esquisito, algo que lembra o tédio. Levanto a cabeça, cansado de ficar na mesma posição porque ela é grande e pesada. Vejo todos em volta, e a cena é a mesma para quase todos: cabeça baixa, com os dedos freneticamente para cima e para baixo no ecrã.

Isso chamou-me a atenção para um facto que, para muitos, já é bem óbvio: nós não ficamos mais entediados. O tédio é uma sensação em extinção. Observar isso naquele tipo de ambiente, que sempre foi para mim uma tortura, não só por não estar bem de saúde, mas pela espera interminável, foi um ponto de viragem. Se antes os consultórios disponibilizavam dezenas de revistas nas suas salas de espera, exatamente por saberem que este momento é habitat natural do tédio, atualmente não precisam mais se preocupar com gastos da assinatura das mesmas (até por que não existem mais), basta colocar um wifi com senha aberta e pronto, problema resolvido. Se no passado tínhamos de nos contentar com a TV, que se dividia entre programas sensacionalistas e novelas com enredos repetitivos, hoje temos tanto streaming de filmes e séries que era preciso uma vida inteira para assistirmos a tudo.

Apesar de eu não ter nenhuma base científica (deve haver, só não sei é qual), arrisco a dizer que o tédio é o que nos faz mais criativos. Ou vocês acham que Isaac Newton descobriria a gravidade se estivesse a jogar Minecraft, ou que Freud descobria a psicanálise se estivesse no TikTok a assistir a dancinhas com a mesma música por triliões de vezes? Ou que Albert Einstein desenvolveria a Teoria da Relatividade se estivesse no Instagram durante dez horas a ver stories de alguém que está ficando milionário à sua custa? Não, não estou querendo ir contra todas as redes sociais, até porque, como todos que ainda não foram raptados para outro planeta e ainda querem participar dessa sociedade, também as uso. Porém, é preciso também usar tempo livre (se é que alguém ainda o tem) para contemplar o nada e desintoxicar o nosso cérebro das informações.

Quando mantemos o nosso cérebro ocupado o tempo todo, esquecemo-nos de nós mesmos. Quanto mais ocupados, menos vivemos. A ocupação é a cegueira, e o "não fazer nada" é o que nos faz enxergar melhor a nós mesmos. Precisamos da preguiça. Do ócio.

Precisamos do nada para encontrarmos tudo. E contemplar o nada, para nos acharmos nele. Quando deixarmos de contemplar o nada, deixamos de mergulhar no mar de nós mesmos. É como se estivéssemos vivendo para o mundo, não a nossa vida. Como se fossemos espectadores da vida do outro no nosso próprio filme.

É preciso desconectarmos (e contra mim falo), para nos conectarmos com nós mesmos.

O encerramento da Viela da Neta, que unia a Rua Sá da Bandeira à Rua Formosa, foi o "primeiro sinal de mudança" do Quarteirão da Casa Forte, depois de 1834, quando se iniciou a abertura da Rua Sá da Bandeira nos terrenos dos padres Néris. - Geógrafo Rio Fernandes

O Vestido

— António Ferraz

É bom ouvir-te, ouvir ainda a tua voz cristalina de ventos e espumas, o som para lá da tua voz num sussurro tímido, como se a morte quisesse negar este pedaço de ti que consigo agarrar, este querer-te aqui, o teu rosto na solidão que sinto escorrer pelas paredes do nosso quarto.

Nada nos fará separar,

dizias-me tantas vezes, em tantas horas das nossas vidas. Mas separaram. A chuva continua lá fora, bate na vidraça da janela, angustiada e densa, pesada até, mas aqui continua um verão no mar do sul. O nosso menino já nasceu, já consegue gatinhar e começa a dizer as primeiras palavras, hoje disse não, a primeira palavra. Estamos sentados na areia, viemos cedo, como sempre, apesar de todos os protocolos que fazem parte da preparação para duas crianças na emanação da praia: o guarda-sol, os protetores solares, as almofadinhas para poderem descansar, a água e os iogurtes... tanta coisa para duas horas de sol. A primeira palavra da Isabel, lembro-me muito bem, foi pai. E eu orgulhoso,

ouviste, a menina disse pai. E tu sorriste.

A primeira palavra do Bernardo foi não. Acompanhou-o durante muito tempo, aquele não, sempre um sentido de personalidade que permaneceu como uma raiz da natureza.

Dizias-me que ele parecia um caranguejo, mal pisava a areia, o único destino era o mar, tão lindo como hoje o nosso neto, o trabalho que me dava, sempre a levantar-me da toalha para trazê-lo para a toalha de novo. Riamos tanto disso. E passamos a alternar a ida junto da água para trazê-lo.

A Isabel era uma senhorinha, sempre sossegada, só ia à água quando um de nós a acompanhava, e sempre atenta às fugas do irmão para o mar, sempre preocupada com ele, como continuou a ser, sempre o acompanhou em todos os momentos.

Continua a chuva, agora mais leve, que a ouço como pegadas de pássaros no telhado da casa.

Estás comigo, sinto-te. A frescura das ondas perpetua este momento, encharca a toalha onde estamos, eu e eles, ele no meu colo, ela sentada a meu lado, tu na água, ela quer ir para junto de ti, levanta-se e corre para ti. Com juízo, digo-lhe. Ela vai devagar e abraça-te.

O teu corpo é a manhã na carícia da espuma, pressinto-o escondido nas águas, beijo demoradamente o teu rosto coberto de sal, uma gaivota anuncia o começo da maré cheia. São quase horas de abandonarmos a areia. Mas ficamos ainda um pouco no azul do mar e dos teus olhos, perdidos no olhar dos nossos filhos na transformação dos sonhos.

Ainda te amo muito, repetes nesta hora tardia da minha solidão, entre um silêncio demorado e a sombra da tua presença no meu corpo. E levas-me a uma praia em Cagliari, solteiros ainda, numa camioneta do Porto a Roma, depois de barco até à Sardenha. As águas quentes do Mediterrâneo fortalecem o corpo e a alma e corremos na espuma e deixamos a marca dos nossos pés na areia. E elevamos a nossa juventude num beijo tão quente como aquele verão tão distante. O homem, um indiano talvez, ou paquistanês, tenta vender-te um vestido de seda, lindo, em tons de azul e negro, ainda tenho uma fotografia desse tempo, tu e eu, esse vestido num sorriso como só tu eras capaz, dizes que é caro, liras a mais para o nosso dinheiro. O homem vai embora rente ao mar, carregado com todos os vestidos que traz para vender.

Não achaste lindo, o vestido?

É muito caro!

Era sempre tudo caro para ti, sempre, de tudo que me lembro. Corri pela praia atrás do homem... E trouxe

Jovem à Janela (pormenor)
de Salvador Dalí (1925)

o vestido. Lindo, na perfeição do teu corpo. À noite, quando apareceste para jantar com ele vestido, senti que a vida não era apenas a sofreguidão de um beijo ou de um abraço, acima de tudo era a beleza que cabia inteira num pedaço de seda.

Olho agora a distância de uma vida que separa um de outro mundo, tão paralelos, tão juntos, tão uniformemente presentes como dois braços do mesmo corpo, como duas torrentes do mesmo rio. Fecho os olhos e vejo-te ainda, a tua mão na da Isabel, eu com o Bernardo ao colo, as toalhas molhadas ao ombro, o guarda-sol na areia para regressarmos no final da tarde.

Também ainda te amo muito, digo-te, e tu vais embora, com a chuva, talvez, com o vento que ouço como o meu lamento desta noite tão fria.

Amor

— Etelvina Ferreira

Uma hipótese alada jaz no pensamento,
Palavra maior que o tempo e a morte.
Um fogo que arde sem esquecimento,
Um laço invisível sem caminho ou norte.

Um brilho no olhar que nunca se apaga,
Na pele o calor de um toque encantado,
No peito, se se perde, vai virar saudade,
Nos lábios promessas de um apaixonado!

É brisa suave que embala e envolve
É mar que se agita, logo a sossegar.
Na vida, com ele, tudo se resolve,
Amor é uma estrela no céu a brilhar.

É chama que aquece, ilumina e guia,
Uma eternidade em suave harmonia
Nos versos que tecem este esplendor,
Ecoa no tempo a palavra AMOR.

A Poetisa (pormenor)
de Joan Miró (1959)

Vou Falar Para Ti

— Milú Almeida

Vou falar para ti,
que embalas as palavras,
simples e claras,
para falarmos do dia a dia,
sem papas na língua!

Vou falar para ti,
musa da minha noite,
arrebatadora e bela,
como quem não quer a coisa,
como ser bem-amado,
antes que o livro se cale,
a música acabe
e os sons não rimem,
porque tudo me fascina
neste caminho encantado,
onde o cão dormita,
enquanto o gato mia,
e eu tiro a saia, ficando sexy,
como se fosse ontem.

Vou falar para ti
tocha da minha tarde,
e declarar-me culpada
por te fazer rir e chorar,
sentada num banco do jardim,
onde folgo por te amar,
daqui até ao fim,
minha escrita bonita,
enquanto o cão brinca,
o gato se enrola,
soltando no ar a doçura
de um sonho aceso,
solto ao vento,
que me levanta a saia
e toma conta do espaço.

Um Amor diferente

— Etelvina Ferreira

Naquele dia, um dia igual a tantos outros já passados, Margarida dirigia-se para a escola, sempre o mesmo percurso, o único que a levaria ao mundo do conhecimento. A cabeça separava-se do corpo para chegar mais próximo dos sonhos, e ela nem dava pelo tempo a passar. O seu vestido às bolinhas azuis rodopiava com o vento que se fazia sentir, nessa manhã de primavera de 1957, e o sol dourava as copas das árvores que bordejavam o passeio criando rendilhados finos que se projetavam no chão e paredes das casas.

Margarida era uma jovem singular, naquela época em que as mulheres se mediam pelas artes culinárias e lavores e, depois, pelo estatuto adquirido em casamento. Só que ela era diferente: o que gostava mesmo era de ler e escrever, a tal ponto que escrevia uma carta, diariamente, para si mesma. Olhava-se ao espelho não para ver a sua própria imagem, mas para descobrir a verdade por trás dos seus lindos olhos verdes.

Mas no percurso havia uma montra onde, imperativamente, ela teria de parar. Era a montra da loja da casa de antiguidades do senhor Álvaro onde descobria sempre um objeto que a levava para outras paragens, como se os seus sonhos dependessem daquele momento. Naquele dia o alvo da sua atenção foi um espelho de moldura dourada, entrelaçada de folhas de hera, que estava exposto no canto da montra. Como que hipnotizada entrou na loja.

- Bela peça, não acha? – disse o senhor Álvaro com um sorriso gentil, a demorar mais um pouco nos sulcos das suas rugas.

- Sim... Até parece que ele me quer falar – respondeu ela sem desviar os olhos do reflexo.

O velho riu e, de repente, retirou o objeto da montra dizendo-lhe de seguida.

- Então sempre estou para ver o que é que este espelho tem para lhe dizer! Leve-o consigo, mas com a condição de voltar um dia e me contar o segredo que se encontra por trás dessa velharia.

Em casa Margarida pendurou o espelho na parede do seu quarto e diariamente, por vezes mais que uma vez, via a sua imagem refletida onde encontrava as falhas do seu rosto: um nariz levemente arrebitado, as sardas, o cabelo ondulado que lhe dava uma trabalheira diária para alisar, etc.

Com o decorrer dos dias, dos meses, o que via deixou de fazer sentido. Era algo que não podia mudar e por isso deixou de lhe merecer atenção. Agora o que passou a ver era a sua inteligência, a força do seu olhar, o orgulho sentido ao ultrapassar as dificuldades com que a vida a deparava, a bondade e tudo o mais que ela pensava ser bom para o seu crescimento pessoal.

E houve um dia em que Margarida, tal Arquimedes, achou a chave do segredo do espelho: o seu valor não estava naquilo que os outros pensavam dela, isso vinha por acréscimo dos seus atos e palavras, mas naquilo que ela mesmo acreditava. O seu príncipe encantado, a sua felicidade, estava nas suas escolhas, nas suas paixões, na maneira como via o mundo, enfim, no seu Amor Próprio.

Envie os seus textos, fotografias ou pinturas para jornalalunosusg@gmail.com ou entregue-os na secretaria.

Partilhe memórias, reportagens, poemas, diários, crónicas, resenhas, canções, receitas, enfim, o que tiver na gaveta ou na cabeça e que tem de dar a conhecer aos seus colegas da Universidade Sénior de Gondomar!

E não se esqueçam que temos todos os textos (mesmo os que não cabem na edição impressa) na Internet, através de https://hermesusg.pt/